

# A democracia operária deu certo. A Comissão da ASAMA

*“A tarefa primordial da classe operária é tomar em suas mãos a produção e organizá-la. Para prosseguir a luta é, contudo, necessário ver clara e distintamente o fim a atingir”*

**Anton Pannekoek**

A ASAMA, Indústria de Máquinas S/A, era uma empresa de origem francesa, localizada na Vila Leopoldina, região do Município de São Paulo, caracterizada por ser um verdadeiro corredor industrial – metalúrgicos, químicos e plásticos, principalmente - em torno da Av. Mofarrej. Seu quadro era composto de operários altamente qualificados, com tipo de produção não seriada, maior salário da região e elevado nível de formação dos trabalhadores, 90% com curso SENAI e menos de 10% de mão de obra não qualificada.

A maioria destes trabalhadores já havia passado por alguma experiência de luta sindical, principalmente greves, em 1978 e 1979, como a greve dos famosos piquetões, que durou cerca 9 dias nas demais fábricas e 16 dias na ASAMA. Naquela conjuntura, havia serviço saindo pelo ladrão na fábrica e os operários sabiam exatamente a sua força. Por isso a luta contra a diretoria do sindicato foi grande, eles queriam o fim da greve a qualquer custo.

A direção da ASAMA tinha necessidade de negociar a volta. Foi daí que surgiu a proposta da Comissão de Representante de Fábrica (C.R.F.). Esta foi o primeiro embrião de uma comissão, composta por representantes sob o controle patronal. Se os representantes não têm uma prática militante, a desmoralização deste tipo de organização é uma questão de tempo. Foi

o que ocorreu quando estruturamos um grupo de fábrica clandestino, que se forma durante o período em que ocorriam as eleições para a diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos de SP, em 1981. Esse grupo da ASAMA era muito pequeno, de 5 companheiros, formado por operários com experiência acumulada nas lutas - inicialmente por melhores salários - em outras fábricas, tais como a General Electric (G.E.), Cobrasma, Caterpillar e Massey - Ferguson.

A segurança do grupo era um dos pontos mais importantes, a clandestinidade era necessária para atingirmos o nosso objetivo: organizar os trabalhadores numa perspectiva de classe e ocupar o espaço, naquela empresa, da comissão já existente, que havia sido formada dentro das normas ditadas pela empresa, com o claro objetivo de generalizar a opressão e fazer aumentar a mais valia.

Muitas vezes o trabalho do grupo foi pauta das reuniões da Coordenação da Oposição Metalúrgica de São Paulo (OSM-SP). O processo de politização do grupo foi tomando corpo, seus componentes não apareciam publicamente, mas suas propostas eram sempre debatidas amplamente com o conjunto dos trabalhadores, na hora do café, do almoço, ao pé da máquina e, principalmente, no banheiro, é claro.

A segurança era mantida, pois os companheiros que se destacavam na construção

da sua organização eram “blindados” contra o ataque patronal, sendo num primeiro momento eleitos para a CIPA (Comissão Interna de Prevenção de Acidentes), adquirindo, assim, estabilidade por lei. Foi o caso do Jabuti, do Pedrão e, principalmente, do saudoso companheiro Arcênio Rodrigues, que exerceu o papel relevante no debate contra a opressão e a exploração do capital, desmistificando o economicismo como solução efetiva para os trabalhadores, concepção e prática reinantes nas comissões sob a influência do paternalismo

diretoria da fábrica queria a compensação dos dias e aí começou um boicote, liderado pelo nosso grupo de fábrica. Através do companheiro Nelson Zanholo, propusemos à empresa uma comissão com estabilidade, com estatuto e com registro na Delegacia Regional do Trabalho (DRT). A proposta foi aceita, a direção da empresa avaliava que a C.R.F. estava totalmente sem respaldo dos trabalhadores. Aí nasce a Comissão de Fábrica da ASAMA.

*Em maio de 1983, apesar da violenta oposição da diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, na figura do arqui-pelego Joaquinção e seus aliados PCB (Partido Comunista Brasileiro), o MR8 (Movimento Revolucionário 8 de outubro) e o PC do B (Partido Comunista do Brasil), que haviam solicitado por escrito o arquivamento do registro da Comissão.*

sindical, como por exemplo, a Comissão de Fábrica da Ford Ipiranga em São Paulo. Esse tipo de política abriu caminho para os grandes projetos pessoais de vida, hoje infelizmente uma realidade até dentro da CUT (Central Única dos Trabalhadores).

### **Como nasceu a verdadeira comissão de fábrica?**

Em fevereiro de 1982, a chuva inundou as dependências da fábrica. A Av. Mofarrej era tomada constantemente pela água naquela região da Vila Leopoldina. A fábrica ficou parada 3 dias para manutenção das máquinas. A

### **O Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo e a Comissão ASAMA**

Apesar disso, a comissão foi registrada. A nossa Comissão era regida por um estatuto que estabelecia a democracia direta, onde tudo deveria ser definido em Assembleia Geral dos Trabalhadores, além da revogabilidade de mandato (garantido o pleno direito de defesa). O sindicato era apenas um órgão consultivo da Comissão. Horas extras, só com concordância da Comissão; a dispensa de operários tinha que passar pelo aval da Comissão, que normalmente era revista e reconsiderada pela direção da fábrica. Ou seja, havia uma relativa estabilidade conquistada pela atuação da Comissão de Fábrica.

*A consolidação da Comissão de Fábrica da ASAMA se deu com a reintegração de um companheiro injustamente demitido, após uma greve que foi deflagrada e não durou mais que 3 horas: a fábrica toda parou. A partir desse momento nunca mais uma atitude patronal injusta foi aceita passivamente. Estava estabelecida a dualidade de poder. Dr. Hugo, advogado da empresa, falou para o diretor presidente da ASAMA, Sr. Jacques: “a fábrica não é mais sua, eles tomaram conta”.*

## **Sem independência econômica não há independência de ação.**

A participação na organização das assembleias do sindicato quanto da subsede

única de oposição à diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, em 1984? Por conta da participação em massa dos companheiros da ASAMA. Outra questão muito importante da nossa prática foi a

*A organização dos trabalhadores da ASAMA desenvolveu formas de auto-sustentação financeira, com contribuição descontada em folha de pagamentos, em que mais de 80% dos trabalhadores eram sócios. Foi eleito um grupo de trabalhadores para gerir as finanças. Este dinheiro era gasto no aluguel de ônibus para ir aos assembleias sindicais, com o Jornal da Comissão, em ajuda às greves como MWM, Sprecher-Schuh, Colúmbia, Ford e muitas outras. Sabíamos que sem independência financeira, não existe independência política.*

da Vila Leopoldina era massiva e praticamente todos os trabalhadores foram sindicalizados. Sempre tivemos em mente a tomada do nosso sindicato. A participação na vida sindical se dava em massa a ponto da “pelegada” boicotar as assembleias regionais. Nunca perdemos uma votação nas assembleias da subsede.

eliminação da figura do “grande líder”, do “dono da comissão”. A vitória sempre foi da 1ª pessoa do plural e não do eu, da primeira pessoa do singular. O paternalismo foi, aos poucos, dando lugar às lutas coletivas, possibilitando o surgimento de novos companheiros. Estava aí a materialização da

*O combate ao peleguismo através da organização das interfábricas, seja na Mofarrej ou em outras regiões, foi amplamente vivida pelos trabalhadores da ASAMA e não somente pelos membros da Comissão.*

A participação de todos passava a ser natural e envolvia desde a distribuição de boletins, apoio às greves de outras categorias, como químicos e plásticos, presença nas atividades do Sindicato dos Metalúrgicos, atuação na formação da CUT, através da Oposição Sindical Metalúrgica (OSM-SP).

## **A Comissão da ASAMA sempre trabalhou pela democracia direta na Fábrica**

Por que uma pequena fábrica como a ASAMA conseguiu desbancar a Comissão da Ford, na convenção para formar a chapa

proposta do I Congresso da Oposição Sindical Metalúrgica de SP, realizado em 1979.

Mesmo com o fim da Comissão de Fábrica da ASAMA, em 1986, as lições que deixamos para os trabalhadores do Brasil continuam atuais e urgentes. Por isso, esta revista chega em boa hora. Que todas as companheiras e companheiros tenham uma boa leitura, e que a luta dos operários da ASAMA pela democracia operária e pelo socialismo se espalhe para toda a classe trabalhadora.

**Geraldo Ferreira da Silva**

Presidente da comissão da ASAMA

1982 a 1986

# Índice

<b>Apresentação: A democracia operária deu certo.....</b>	<b>3</b>
<b>Introdução: A CF ASAMA e a Democracia Operária.....</b>	<b>7</b>
<b>1 1979: Antecedentes.....</b>	<b>11</b>
<b>2 1982: O começo da representação operária.....</b>	<b>14</b>
<b>3 1982: As primeiras lutas.....</b>	<b>16</b>
<b>4 1982: O primeiro ano de existência.....</b>	<b>19</b>
<b>5 1983: A Comissão de Fábrica se consolida.....</b>	<b>20</b>
<b>6 1983: A greve contra a demissão de um companheiro....</b>	<b>23</b>
<b>7 1983: Ano chave para a Comissão.....</b>	<b>25</b>
<b>8 1983: A Comissão questiona o poder patronal.....</b>	<b>28</b>
<b>9 A participação nas lutas gerais dos trabalhadores.....</b>	<b>32</b>
<b>Conclusão: 1982-2012: As lições da CF ASAMA.....</b>	<b>35</b>
<b>A festa: Ciclo de comemoração dos 30 anos.....</b>	<b>40</b>

*Vista aérea da Vila Leopoldina em 2012: galpões abandonados das fábricas convivem com edifícios luxuosos frutos da especulação imobiliária*



Jesus Carlos / Acervo Cidades/IIEP

## Introdução

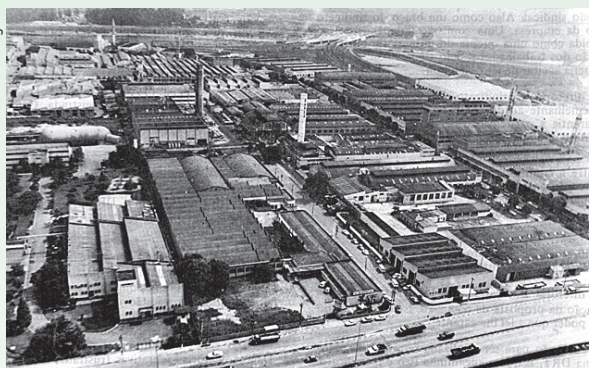
# A Comissão de Fábrica da ASAMA e a Democracia Operária



***Entre os anos de 1982 e 1986, os operários da Fábrica ASAMA, na cidade de São Paulo, criaram uma das experiências de democracia operária mais rica e vitoriosa da história do sindicalismo brasileiro: A Comissão de Fábrica da ASAMA.***

A ASAMA era uma empresa metalúrgica da região oeste de São Paulo, em um cinturão industrial, sem casas, apenas fábricas, que somavam 20 mil operários. Seu capital era francês, e produzia

Graciela Mangoni



*Concentração industrial da Vila Leopoldina, onde ficava a fábrica da Asama*

equipamentos e peças sob encomenda. A sua produção não era seriada, não havia linha de montagem. A produção era controlada e cronometrada pelos chefes, na base do tempo para cada tipo de peça.

Quando a Comissão de Fábrica foi formada, a ASAMA em torno de 200 empregados, entre produção e escritório. Na produção, os operários, na maioria, eram profissionais. Vários trabalhadores vinham das grandes empresas da região de Osasco e do município de São Paulo. Era um pessoal que tinha passado pela experiência das greves dos anos anteriores e que já tinha um espírito de luta e combatividade.

A formação das Comissões de Fábrica pode ocorrer a partir do sindicato ou de forma espontânea, durante uma greve, por exemplo. Este foi o caso da Comissão de Fábrica da ASAMA, surgida diretamente como resultado das lutas dos operários pelos seus direitos, e que foi responsável por diversas vitórias dos trabalhadores da empresa contra os ataques dos patrões, tais como reverter demissões, aumento salarial, diminuição do controle patronal sobre os operários, melhores condições de trabalho, etc.

***As Comissões de Fábrica são a forma mais eficaz de organização de base que os trabalhadores podem construir. São organizadas no local de trabalho, o que permite um envolvimento mais direto com a luta de toda a categoria e até de toda a classe.***

***As comissões de fábrica são a base para a democracia operária.***

***As Comissões de Fábrica são ainda a forma de organização mais combatida pelos patrões. Isso acontece porque os patrões, quando não conseguem controlar estas comissões, temem o seu poder de mobilização.***

***A Comissão de Fábrica, por atuar dentro da fábrica, próxima aos trabalhadores, tem uma capacidade enorme de juntar, na luta, os operários, tornando suas reivindicações operárias mais sólidas e assustadoras para os patrões. Não é à toa que a formação de Comissões de Fábricas nunca foi prevista na legislação trabalhista.***

Como não são previstas pela lei, a formação das Comissões de Fábrica varia muito no tempo. Em alguns períodos, muitas comissões são criadas pelos trabalhadores em luta, com muita força junto aos operários, e assustam bastante os empresários. Em outros momentos, elas quase desaparecem, porque os patrões conseguem demitir os operários de luta, inibindo os demais trabalhadores.

## **1982 Nasce a Comissão de Fábrica da ASAMA**

***O ano de 1978 foi um momento propício para as Comissões, com a explosão das greves dos metalúrgicos do ABC paulista, que imediatamente se espalharam para a capital paulista nas fábricas que contavam com forte presença da Oposição Sindical Metalúrgica.***

Nos anos seguintes, os trabalhadores do Brasil inteiro estavam cruzando os braços

contra a Ditadura Civil-Militar, por aumento salarial e direito de organização.

Surgiram comissões de fábricas em dezenas de indústrias, especialmente entre os metalúrgicos do ABC e da cidade de São Paulo. Elas eram responsáveis pela organização das greves, pela luta a favor da manutenção do emprego, contra a repressão

***“As comissões de fábrica foram de uma importância fundamental para o avanço do movimento sindical durante a ditadura militar. Nesse período da repressão, a Oposição Sindical dirigia greves gerais da categoria sem o apoio do sindicato. Sem as Comissões de Fábrica isso não seria possível.”***

**Anízio Batista**

*Encabeçou a chapa da Oposição Sindical em 1978*



Piquetão na Zona Sul - São Paulo - novembro 1979



Violência na campanha salarial de 1980 no Cine Roxy

dos patrões ou dos militares. Na capital, havia ainda os pelegos, indicados pela ditadura militar, na direção do Sindicato dos Metalúrgicos, que denunciavam para a polícia os operários combativos.

As Comissões de Fábrica também foram importantes para o projeto do novo movimento sindical que surgiu na luta contra a ditadura, e que formou a CUT. Os sindicalistas ligados à Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo (OSM-SP), que participaram desde o início na construção da CUT, defendiam a democracia operária e sabiam que sem Comissões de Fábrica esta democracia não seria possível. A Comissão de Fábrica da ASAMA materializou a proposta de democracia operária elaborada no 1º Congresso do OSM-SP, em 1979.

## 2012 30 anos da Comissão de Fábrica da ASAMA

*A Comissão de Fábrica da ASAMA tem um lugar especial nesta história. Como veremos nesta revista, sua trajetória é marcada pelas lutas em defesa dos interesses e pela organização democrática dos trabalhadores, para conquistar seus direitos e enfrentar os ataques dos patrões.*

Em 2012, a Comissão de Fábrica da ASAMA faz 30 anos. Esta experiência democrática e de luta dos trabalhadores da ASAMA merece ser lembrada, festejada, estudada e comemorada em todo o Brasil.

Este é o primeiro objetivo desta revista. Um segundo objetivo é recuperar as melhores experiências das lutas dos operários brasileiros para que os trabalhadores de hoje tenham condições de aprender e usar os ensinamentos da democracia operária para enfrentar e derrotar os interesses dos capitalistas.

As lições da Comissão de Fábrica da ASAMA estão mais atuais do que nunca,



Cadernos OSMSP 1979



1982

30 anos da Comissão de Fábrica da

ASAMA

2012

*A criação da Comissão de Fábrica da Asama, as Greves de 78 e 79 dos Metalúrgicos de São Paulo e a luta da Oposição Sindical*

Folheto comemorativo 30 anos da CRF - ASAMA - 30/6/2012 - Projeto Memória/OSM SP

porque a opressão dos patrões contra os operários continuam firmes e fortes. Em todo o Brasil, ainda existe a perseguição contra os grevistas, como demissões e corte dos salários. Existem ainda muitos casos de sindicatos que não defendem os interesses dos trabalhadores contra os donos da fábrica, preferindo pactuar com os patrões em troca de vantagens pontuais.

Os operários que participaram da Comissão de Fábrica da ASAMA, e também aqueles que, mesmo sem serem membros formais, apoiaram as lutas votando nas eleições, participando das assembleias, cruzando os braços nas greves, são um exemplo para os operários do país. Sempre agiram enfrentando os patrões e em defesa não apenas dos seus interesses de curto prazo, mas também na luta por uma sociedade onde os capitalistas não explorem mais nenhum operário, na luta para construir uma sociedade socialista.

*“A Comissão da ASAMA passou a ser referência de organização sindical. Era uma demonstração concreta da bandeira das Oposições Sindicais da correção da proposta de liberdade sindical. Isto revolucionou as pautas de reivindicações com uma reivindicação concreta de liberdade de organização. Convivi, nesse período, com os companheiros da Comissão e com a Oposição Metalúrgica, talvez, a experiência mais rica da minha vida em embates diretos contra o capital, contra o peleguismo, contra a visão de sindicato atrelado ao Estado e principalmente a favor da livre organização dos trabalhadores.”*

**Chico Gordo**

*Encabeçou a chapa da OSM-SP em 90.*

*Foi presidente da CUT Regional /SP de 87 a 89.*

*Deputado Estadual/SP de 87 a 91*



***Na greve geral dos metalúrgicos de São Paulo em novembro de 1979, a ASAMA ficou parada durante 15 dias. Parou inteirinha e sem piquete. Foi uma adesão espontânea do pessoal que, inclusive, participou dos piquetes nas fábricas próximas da região.***

Nessa greve, os patrões da ASAMA ficaram apertados. Havia muito serviço e eles ficaram preocupados em impedir atrasos na produção para garantir os prazos das encomendas e por isso, desde o início, quiseram negociar em separado com os operários. Mas não tinham com quem negociar: não havia nenhum grupo ou comissão organizada e nem mesmo algum delegado dos trabalhadores.

Quando a greve terminou, a empresa tomou a iniciativa de organizar alguma forma de comunicação com os

### **A primeira comissão era um instrumento de controle sobre os operários**

Essa primeira comissão não tinha atuação nenhuma dentro da fábrica. Sempre que surgia algum problema, a Comissão aceitava de cara todas as propostas dos patrões.

Fazia reuniões a portas fechadas, não comunicava o que tinha sido decidido e muito menos consultava os trabalhadores sobre as soluções dos problemas que apareciam na fábrica. Chegou ao ponto

***Por causa desse tipo de prática, essa Comissão foi se desgastando cada vez mais diante dos trabalhadores. O pessoal não queria nem chegar perto dos seus membros e tinha medo de se abrir perto deles.***

trabalhadores. Procurou um funcionário que era próximo à diretoria e propôs que ele se desligasse da produção para ficar percorrendo a fábrica para identificar os principais problemas e insatisfações dos trabalhadores.

Esse funcionário era próximo da diretoria, mas não era um dedo-duro, nem era comprado pela empresa. Ele disse que não poderia assumir aquela “tarefa” sozinho. E propôs que fosse eleita uma comissão dentro da fábrica.

A diretoria aceitou. Foi feita a eleição e a comissão foi montada.

de transmitir as ordens dos patrões. Por exemplo, chegava nas seções e dizia: “quem estragar a peça, vai pegar uma suspensão”. Essa era uma orientação da empresa e a Comissão assinava em baixo.

O desgaste foi tanto que, em 1981, quando foi convocada uma nova eleição para renovação da Comissão, ninguém se inscreveu como candidato. E foi assim que a comissão continuou do mesmo jeito até 1982.



## B 1981: A “Comissão” Clandestina – a origem do grupo de fábrica

*Em 1981 havia na ASAMA 2 ou 3 companheiros que possuíam experiência de luta em outras empresas, em greves e formando grupos de fábrica, participando das Oposições Sindicais.*

**Sabiam que organizar os trabalhadores em um fábrica não é fácil: os patrões e os pelegos do sindicato perseguiram qualquer operário combativo, que podia ser demitido e até preso.**

Eles sabiam que não podiam confiar em todo mundo, que era preciso ir com

“Os grupos de fábrica tiveram uma grande importância para enraizar a nossa organização de luta, levar a consciência aos trabalhadores, organizar e fazer a defesa dos seus direitos dentro da fábrica. Quando se criava uma comissão de fábrica era porque a luta e o trabalho na fábrica já estavam com um nível elevado de organização, isto é, já tinha tido um processo de conscientização, organização e defesa dos trabalhadores no seu dia a dia, e não apenas genericamente, isto é, nas bandeiras das lutas gerais. Por isso usávamos de muitos instrumentos de comunicação. Foi uma época muito importante da resistência dos trabalhadores.”

### Zé Pedro

Encabeçou a chapa da Oposição Metalúrgica de Osasco em 78. Diretor dos Metalúrgicos de Osasco de 1975 a 1978

calma, conquistando a confiança dos trabalhadores aos poucos.

Esses operários formaram **um grupo de fábrica** que contava com 5 operários.

Atuavam de forma clandestina, sem que a comissão oficial soubesse. E atuavam no dia a dia, a partir dos problemas que surgiam na fábrica, como acidentes, pressão das chefias, repressão interna, más condições de trabalho.

## C 1982: o grupo de fábrica clandestino parte para a ofensiva

No verão de 1982 as chuvas provocaram uma grande enchente na região da fábrica. A maioria dos trabalhadores não conseguiu chegar na empresa para trabalhar. A comissão oficial aceitou que os trabalhadores tivessem o dia descontado. Mas, o grupo de fábrica clandestino não aceitou. A proposta do boicote ganhou a empresa.

Com o conflito que se instalou, o único membro da comissão oficial que era confiável foi procurado pelos operários

Livro de Atas da CRF - ASAMA 24/6/1982

de to. op. da fábrica a livro com 53  
Nelson Zanolo com 19 votos; Nelson Jua da Silva  
com 15 votos; Felaura Kozzysznowski com 14 votos  
Luta Administrativa: José Demiguel Flop com 16 votos  
suplente: Edison Ribeiro da Silva com 10 votos e Gilberto  
Caldas com 08 votos. Levaram nesta eleição para  
Comissão de Fiscalização e Atuação os seguintes elementos  
Manoel Augusto F. da Silva, RS nº 3574.194 de voto  
Indutivo e Sônia Regina da Cunha Caldeira RS 5342.824  
de voto Administrativo. Ote Comissão de Representante da  
Fábrica era eleito, terá sua atuação até 31 de Jun  
de 1984, após o que se fará uma nova eleição  
Para maior clareza esta ata será anexada pelo  
componente da Comissão e pelo mesário.  
- Comissão  
Ho

*“A Comissão de Fábrica da ASAMA mostrou a nós mesmos, e a quem mais quis ver, uma forma de organização independente e combativa, com caráter fortemente democrático. Assim se formou a Comissão de Fábrica. Trabalhadores com a produção e a história nas mãos e no coração a semente do socialismo. Conhecedores do que é ser perseguido, organizam-se de forma clandestina, somando forças, criando musculatura, chamando outros trabalhadores a fazer o mesmo. O nível de organização e luta na ASAMA rompeu os muros da fábrica. Passou a ser referência e modelo para os demais grupos que se formavam.”*

**Marcos Zanin**

*Probel. Cipeiro na Thermoid*

combativos e mediou, junto aos patrões, a proposta de realização de uma nova eleição. E esta nova Comissão de Fábrica eleita deveria ter estabilidade e estatuto registrado, pois do contrário os operários de luta não topariam concorrer. A empresa topou, porque o patrão precisava de uma ligação direta com os trabalhadores, para melhor controlá-los.

As eleições aconteceram. E os membros do grupo clandestino que se candidataram foram eleitos. Nasce a Comissão de Fábrica da ASAMA.

## **D O Estatuto da Comissão de Fábrica da ASAMA**

***Na discussão dos estatutos da Comissão de Fábrica da ASAMA, a experiência dos companheiros que participavam da Oposição Sindical Metalúrgicos de São***

***Paulo (OSM-SP) foi muito importante para garantir o seu caráter e classista.***

As Oposições Sindicais lutavam pela formação de comissões de fábrica, para organizar a luta dos trabalhadores contra a ditadura militar, contra os patrões e contra os pelegos. O estatuto da nova Comissão de Fábrica foi debatido em toda a ASAMA, em pequenas reuniões e em assembleias gerais. Ele foi baseado na experiência da Comissão de Fábrica da Cobrasma de 1968, em Osasco, que ficou muito conhecida quando liderou a maior greve contra o regime militar. A Comissão da Cobrasma foi destruída e dizimada pela repressão.

A partir desta experiência, os operários da ASAMA decidiram que a Comissão de Fábrica deveria ser independente do sindicato, com financiamento próprio. Todas as suas decisões seriam tomadas ou respaldadas pela Assembleia Geral, inclusive os mandatos, que passaram a ser revogáveis.

Os patrões e os pelegos do sindicato fizeram de tudo para impedir o registro do Estatuto. Mas não deu jeito. A pressão da Comissão de Fábrica da ASAMA e dos trabalhadores foi vitoriosa, e em maio de 1983 o estatuto foi registrado na Delegacia Regional do Trabalho - DRT.

*“A maior conquista dos trabalhadores da ASAMA não estava só no estatuto, mas, em ter a garantia de uma comissão de fábrica. Nesse sentido, a importância da ASAMA, querendo ou não o Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo daquela época, foi que ela marcou os trabalhadores metalúrgicos de São Paulo, nas regiões de São Paulo (no Estado) e no Brasil, principalmente pelas suas conquistas.”*

**Betão**

*Comissão de Fábrica da Ford em São Bernardo. Demitido 4 vezes, em 83, 86, 88 e 89*

## 2 1982: O começo da representação operária

*A mera existência legal de uma comissão de fábrica não garante que ela de fato represente os trabalhadores. A experiência anterior dos operários da ASAMA mostrava que uma comissão de fábrica como a anterior CRF poderia ser um instrumento a favor dos patrões.*



A nova CF ASAMA precisaria ser democrática, com forte presença no local de trabalho, para garantir a representação dos reais interesses dos operários e para conquistar apoio da maioria contra o patrão. Era um trabalho de formiguinha, ganhar pouco a pouco a confiança dos trabalhadores.

A nova CF ASAMA funcionou com reuniões mensais, às sextas-feiras, com a diretoria da empresa para encaminhar e negociar as reivindicações dos trabalhadores; toda semana, ocorriam reuniões abertas a todos, para discutir os

problemas que existiam nas seções e as propostas de solução e encaminhamento; uma vez por mês, tinha a assembleia geral da fábrica, que era o órgão soberano dos trabalhadores, em que a pauta de reivindicações era discutida e aprovada, em que a Comissão de Fábrica da ASAMA prestava contas de sua atuação, e em que as decisões eram tomadas com a aprovação da maioria dos trabalhadores reunidos; sempre que surgia um problema específico, a Comissão de Fábrica da ASAMA incentivava e convocava reuniões por seção ou assembleias extraordinárias.

*Os membros da Comissão de Fábrica da ASAMA estavam no dia a dia com os operários, conversando sobre os problemas da empresa, buscando soluções, mostrando o papel da luta dos trabalhadores contra a exploração. Nestas conversas, todos podiam falar e opinar, a voz e o voto de todos tinham o mesmo valor.*



*Geraldo, Nelson, Arcênio, Catatau Jabuti e Pedrão na portaria da Asama*



RLO - Caderno 7 pág 15, 1986

**“Na conjuntura daquela época, vivíamos o final da ditadura civil-militar e um processo de começo de abertura democrática. A Comissão de Fábrica da ASAMA cumpriu um papel importantíssimo de indicar um caminho necessário para a luta dos trabalhadores e para as Oposições Sindicais não só de São Paulo, mas de todo o país: organizar Comissões de Fábricas nas empresas. Foi muito importante para todo o país. O conteúdo democrático e o alto nível de politização dos companheiros da ASAMA foram a maior contribuição que essa experiência deixou para os trabalhadores e para outras Comissões que se organizaram em diversas categorias.”**

**Rítalo Alves Lins**

Membro da Associação da Vila Leopoldina; Diretor do Sindicato dos Plásticos – SP e dos Químicos de São Paulo até abril de 2012



RLO - Caderno 7 pág 12, 1986

# 3 1982: As primeiras lutas: condições de trabalho, ritmo de produção e horas extras



*Através das conversas individuais, das reuniões, dos encontros no café, a Comissão de Fábrica da ASAMA foi definindo os principais problemas que existiam, as insatisfações dos trabalhadores, suas reclamações mais sentidas, a fim de transformar os problemas cotidianos em motivos de luta. Através deles os trabalhadores foram descobrindo seus interesses comuns e percebendo a possibilidade da luta, ganhando confiança em sua força coletiva.*

## **A** As condições de trabalho

*As pequenas lutas encaminhadas pela Comissão de Fábrica da ASAMA em torno das condições de trabalho foram muito importantes para mudar esta situação, fazendo com que as insatisfações de cada um aparecessem como revolta e reivindicação de todos.*

Conforme as conquistas iam sendo alcançadas, os trabalhadores foram percebendo a possibilidade de alterar as condições de trabalho, e também o sentido e a eficácia da ação coletiva. Aos poucos, cada seção foi se transformando num campo de luta em que cada direito, cada melhoria teria que ser disputada, inclusive o direito de ser tratado dignamente.

*As condições de trabalho eram um dos principais problemas dos operários da ASAMA: máquinas com falta de proteção, sujeira no local de trabalho, ferramentas sujas e desgastadas, falta de higiene nos banheiros, alimentação escassa e de má qualidade. A empresa nunca fazia nada para mudar isso, pois só pensava nos lucros. A Comissão de Fábrica começou a agir, pois sabia que só a luta poderia mudar a situação.*

Algumas vitórias foram obtidas, tais como o conserto dos banheiros; pão com manteiga e leite nos intervalos; refresco natural no almoço; substituição do cozinheiro e melhoria da comida; direito ao uso do telefone; fornecimento de botas e óculos de segurança, etc.

## **B** Ritmo de produção: a repressão que vem dos chefes

*Na ASAMA, os trabalhos eram cronometrados. A empresa planeja um tempo de produção a partir do tempo*

**da máquina. Mas, no momento da produção, esse tempo não é real, o que provoca muita revolta nos operários. Os chefes impõem tempos impossíveis. Eles dão duas horas para fazer uma peça que se faz em 10 horas.**

O sentimento de revolta e injustiça estava presente na experiência cotidiana da ASAMA. Havia também o sentimento de insegurança, pois boa parte das demissões que aconteciam era por causa do não

***Para as empresas, a subordinação dos trabalhadores aos ritmos de produção é vital para garantir lucros cada vez maiores. As formas de controle e de dominação sobre os trabalhadores são parte central da produção. E quem exerce a repressão contra os operários são os chefes, que punem os trabalhadores quando eles não cumprem metas, quando fazem algum erro, quando matam alguma peça.***

cumprimento dos tempos estipulados. Os trabalhadores sempre resistiram a essa situação, de forma individual e surda. Os operários da ASAMA eram, na maioria, especializados e eles se apoiavam no seu próprio conhecimento e experiência

condições de trabalho. Mas não abria mão, de jeito nenhum, do controle sobre os trabalhadores. A repressão das chefias só diminuiu através da luta conjunta dos trabalhadores, com cartas dos setores contra os chefes, boicotes, etc.

Esse movimento foi muito importante porque abriu um campo de luta dentro da fábrica contra os tempos de produção e a repressão das chefias. A resistência surda transformou-se em luta aberta que organizava os trabalhadores em uma força

coletiva. A Comissão de Fábrica da ASAMA saiu deste processo com muito respaldo, pois os trabalhadores reconheceram a importância da sua atuação. E ao mostrar na prática a sua vinculação com os operários, a Comissão de Fábrica

***Um companheiro da ASAMA conta que: “Uma vez me mandaram fazer um serviço em 5 dias. Eu olhei e disse que não tinha condições, que a peça esquentava, não dava para trabalhar depressa. Eu disse que não fazia esse serviço. E provei que não dava ...”***

profissional para resistir às chefias: contra as suas ordens, impunham um outro tempo, provando que o tempo proposto pelos chefes era irreal.

A Comissão de Fábrica da ASAMA sempre discutiu a questão da repressão das chefias. Mas nunca conseguiu nada. A empresa aceitava discutir qualquer coisa - salário, promoção, melhoria nas

da ASAMA ficou com mais força de negociação junto à diretoria da empresa.

### **C** **A luta contra a pressão pelas horas extras**

***A questão das horas extras sempre foi um outro ponto de atrito permanente dentro da empresa. Os chefes pressionavam muito***



Jornal da Comissão de Fábrica n. 2 - ASAMA, maio 1983, pág. 2

***para os trabalhadores fazerem horas extras, mesmo quando não era necessário.***

Diziam que era para enquadrar os trabalhadores, acostumá-los a andar na linha. Assim, quando tivesse muito serviço ou quando a produção estivesse atrasada, eles já estariam acostumados a trabalhar mais horas, sem reclamar.

Os trabalhadores conseguiram isso porque tocaram num ponto central, **souberam usar a organização do processo de trabalho contra a própria empresa.** O boicote mostrava que os trabalhadores usaram o conhecimento que tinham da forma como a produção é organizada - sob encomendas e com prazos fixos de entrega — como arma de luta.

***A Comissão de Fábrica da ASAMA começou então a discutir com os trabalhadores um jeito de combater essa pressão. E, numa assembleia geral da empresa, decidiram fazer um boicote às horas extras. O boicote teve resultados. A pressão diminuiu. Dessa vez a empresa sentiu que havia de fato uma força coletiva dentro da empresa.***



## 4 1982: O primeiro ano de existência

*Ao final de um ano, a Comissão de Fábrica da ASAMA é reconhecida pelos trabalhadores como representante dos seus interesses. Durante o ano de 1982 os trabalhadores conseguiram algumas conquistas importantes.*

Porém, o mais importante foi que a Comissão começou a ser reconhecida pelos trabalhadores. Cada conquista, por pequena que fosse, era um sinal

visível da existência de uma prática de luta dentro da empresa. Era um sinal que o trabalhador recebia e pelo qual reconhecia a possibilidade da luta.



*Mesmo as lutas mais miúdas têm um sentido político: em cada conquista, em cada pequena melhoria nas condições de trabalho, deixavam as marcas da vontade coletiva dos trabalhadores.*

*“Em minha memória, a Comissão de Fábrica da ASAMA representou a experiência mais avançada do “sindicalismo classista e de base” brasileiro, aquele do processo de democracia cristalina na relação com os trabalhadores, aquela independência do patrão, a negação do “sindicato prédio, aparelho e aparato” e, ao mesmo tempo, um trabalho pedagógico, eu diria “paulofreiriano”, de politização dos trabalhadores para a compreensão, desde o processo produtivo da extração da mais valia e também das lutas mais gerais na sociedade, como a luta contra a ditadura”.*

**Durval de Carvalho**

Presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Campinas de 84 a 90

Por isso foi muito importante a orientação assumida pela Comissão de Fábrica da ASAMA de criar um **Jornal próprio do Movimento**, para comunicar, divulgar e discutir cada passo por ela tomado, cada ponto que era discutido com os patrões, cada impasse que enfrentava nas negociações. Cada conquista ou derrota, por mais específica que fosse, de uma seção ou outra, era divulgada no jornal, para que o aprendizado fosse coletivo.

A Comissão de Fábrica da ASAMA buscava transformar tanto as derrotas quanto as vitórias em referência de luta, formando uma memória coletiva de luta. Depois de mais de um ano de existência da Comissão de Fábrica da ASAMA, grande parte dos trabalhadores era capaz de contar as lutas que aconteceram, as derrotas e vitórias.

# 5 1983: A Comissão de Fábrica da ASAMA se consolida

*O trabalho desenvolvido pela Comissão de Fábrica da ASAMA começa a dar resultados. Em 1983, os operários iriam demonstrar maior combatividade e força na defesa de seus interesses.*



Foi um ano em que lutas gerais em toda a empresa aconteceram. As lutas por seção, em torno de questões específicas ou das condições de trabalho continuaram.

Mas agora as lutas teriam uma outra qualidade: os operários iriam se manifestar como força coletiva e organizada dentro da empresa. O marco nessa mudança foi a luta salarial do 1º semestre de 1983.

## **A** Os trabalhadores da ASAMA derrubam o decreto salarial 2012

*Antes de maio deste ano — mês do reajuste — a Comissão de Fábrica da ASAMA inicia*

*uma discussão junto aos trabalhadores para decidir sobre aumento que iriam reivindicar.*

Numa assembleia geral eles decidem não aceitar o decreto do governo, mas reivindicar reajuste integral para todos e mais 5% para os que ganhavam menos.

A luta dos trabalhadores resultou em uma vitória parcial. A empresa aceitou dar o reajuste integral. Mas recusou dar os 5% para os menores salários. De toda forma, através da negociação direta, os trabalhadores da ASAMA conseguiram um reajuste maior do que os das outras empresas em que o decreto do governo foi aplicado, marcando a consolidação

*No 1º semestre de 1983 os trabalhadores estavam vivendo sob o impacto de um arrocho muito maior que o dos anos anteriores. Os militares impuseram o decreto 2012 que determinou um reajuste salarial abaixo da inflação.*



RLO - Caderno 7 pág 17, 1986

***Ao mesmo tempo, a vitória alcançada deixou clara a importância da Comissão de Fábrica da ASAMA enquanto organismo que expressava a vontade coletiva operária perante os patrões.***

da Comissão de Fábrica e da organização coletiva dos operários.

O problema do salário atinge a todos e por isso mesmo, na luta salarial, os interesses comuns puderam se manifestar de tal forma que o conjunto dos operários formou um campo de luta comum que os transformava em força coletiva.

### **B A luta pela equiparação salarial**

***Essa questão ficou clara quando o decreto do governo sobre os índices de reajuste foi discutido com os trabalhadores, que previa reajustes escalonados em função das faixas salariais.***

Com isso, os que ganhavam mais saíam prejudicados. Além disso, a proposta de reajuste igual para todos deixava descontente o pessoal que estava nas faixas mais baixas. No ano anterior, a Comissão de Fábrica da ASAMA tinha defendido reajuste igual, e esses trabalhadores acharam isso um erro e uma injustiça. Tudo isso foi muito discutido nas reuniões e assembleias: o reajuste deve ser igual para todos ou o índice deve ser maior para os que ganham menos?

A proposta de um reajuste diferenciado encontrou um solo fértil entre os

trabalhadores com salários menores. A luta salarial e a discussão em torno do índice de reajuste abriram um campo de trabalho da Comissão de Fábrica da ASAMA junto a esses trabalhadores. Em sua maioria são os menos especializados que encontram maiores dificuldades de melhorar sua situação de trabalho dentro da empresa.

Nas seções, a Comissão de Fábrica da ASAMA incentivava a solidariedade entre os trabalhadores, ajudando os companheiros sem especialização a adquirir maior experiência e qualificação. Além disso, defendia também os direitos desses trabalhadores junto à empresa, exigindo a mudança de faixa salarial em função da maior experiência que vinham adquirindo.

### **C A Comissão de Fábrica da ASAMA se firma como referência de luta**

***A pressão das chefias pelas horas extras voltou a aumentar. Em todas as seções surgiam denúncias. Para piorar a situação, muitos operários estavam sendo demitidos e os salários estavam atrasando constantemente.***

A assembleia dos trabalhadores da ASAMA exigiu que a empresa deveria

***A campanha salarial do 1º semestre colocou para os trabalhadores da ASAMA a necessidade de articular numa mesma reivindicação as diferenças existentes entre os trabalhadores, em termos de salários e especialização.***

***A partir da luta salarial de maio, a Comissão de Fábrica da ASAMA se firma como referência de luta entre os trabalhadores, conquistando respaldo e se transformando numa espécie de contra-poder dentro da empresa. A ação da Comissão de Fábrica da ASAMA iria aparecer como uma força que se opunha ao poder dos patrões, de tal forma que estes não poderiam mais reinar como única vontade dentro da empresa.***

comunicar com antecedência à Comissão de Fábrica as razões do trabalho extra, que então convocaria todos os trabalhadores para decidir o que fazer. Os trabalhadores decidem fazer um boicote para forçar a empresa a aceitar essa proposta, parar as demissões e não atrasar mais o pagamento dos salários.

A Comissão de Fábrica da ASAMA leva a reivindicação que só vai ter hora extra se os patrões garantissem estabilidade

por 90 dias para todos, por ocasião das férias coletivas do final do ano, para que nenhum trabalhador fosse pego de surpresa com uma demissão pós-férias, e que se justificasse os motivos do atraso salarial. A pressão deu resultados, e a empresa cedeu.

Na luta contra as horas extras, as demissões e os atrasos de pagamento, ficava clara a relação entre a Comissão de Fábrica da ASAMA e a ação coletiva dos trabalhadores.

***A força da Comissão de Fábrica da ASAMA diante dos patrões estava apoiada na ação coletiva dos trabalhadores, nas decisões assumidas e postas em prática coletivamente. Essa força da Comissão se traduzia nas conquistas materiais arrancadas da empresa. Porém, o mais importante era a conquista política que impunha aos patrões. A empresa reconhece a força coletiva dos operários e sabe que não poderia mais agir impunemente, como acontecia antes da existência da Comissão.***

## 6 1983: A greve contra a demissão de um companheiro

*As demissões sempre acontecem de repente e vão atingindo um e depois outro e mais outro. Cada um recebe o aviso prévio e tenta se virar como pode. Essa é uma estratégia patronal que dificulta uma reação coletiva.*

Depois que o trabalhador assina a demissão, o fato está consumado, fica mais difícil reagir.

Os trabalhadores exigiram também que a empresa comunicasse com antecedência

razões semelhantes, dois outros trabalhadores receberam punições.

O companheiro não assinou a demissão e procurou a Comissão de Fábrica da ASAMA. Foi convocada uma assembleia na hora do



*Os trabalhadores da ASAMA decidiram que o companheiro demitido não deveria assinar a demissão, e sim procurar a Comissão de Fábrica. Sempre que houvesse condições, os trabalhadores partiriam para a greve até a readmissão do companheiro demitido.*

as novas demissões e justificasse as razões. A empresa aceitou a comunicação, mas se recusou fornecer os motivos. Em muitos casos, a Comissão de Fábrica da ASAMA conseguiu reverter a demissão, mobilizando os trabalhadores contra os patrões, exercendo um verdadeiro controle operário sobre a empresa.

Em junho de 1983, a Comissão de Fábrica já era uma referência de luta dentro da ASAMA, e um operário muito querido por todos foi demitido por “justa causa” porque tinha errado a medida de algumas peças. Por

café. **Os trabalhadores decidiram por uma greve até a readmissão do companheiro e a suspensão da punição dos outros dois.**

A empresa não tinha muita alternativa, pois tinha muito serviço acumulado e recuou após uma hora de greve, aceitando a exigência dos trabalhadores. O companheiro demitido não queria a reintegração, queria ser demitido, porém com seus direitos. A “justa causa” foi anulada e ele recebeu integralmente todos os direitos.

*A greve foi um marco da história da Comissão de Fábrica e da luta dos operários da ASAMA, criou e aprofundou o apoio e a solidariedade entre os trabalhadores. E deu mais segurança e confiança na luta.*

**A direção da ASAMA pôs em prática várias estratégias para neutralizar a força da Comissão de Fábrica, tais como o aumento da pressão das chefias em cada seção; ameaças de demissão devido ao não cumprimento dos tempos de produção; contratação de trabalhadores temporários.**

A direção da ASAMA quis descontar a hora parada. E os trabalhadores concordaram. Como conta um companheiro da Comissão de Fábrica: "Não tinha sentido brigar por isso. A questão era política, era uma questão de readmissão e não de uma hora de trabalho".

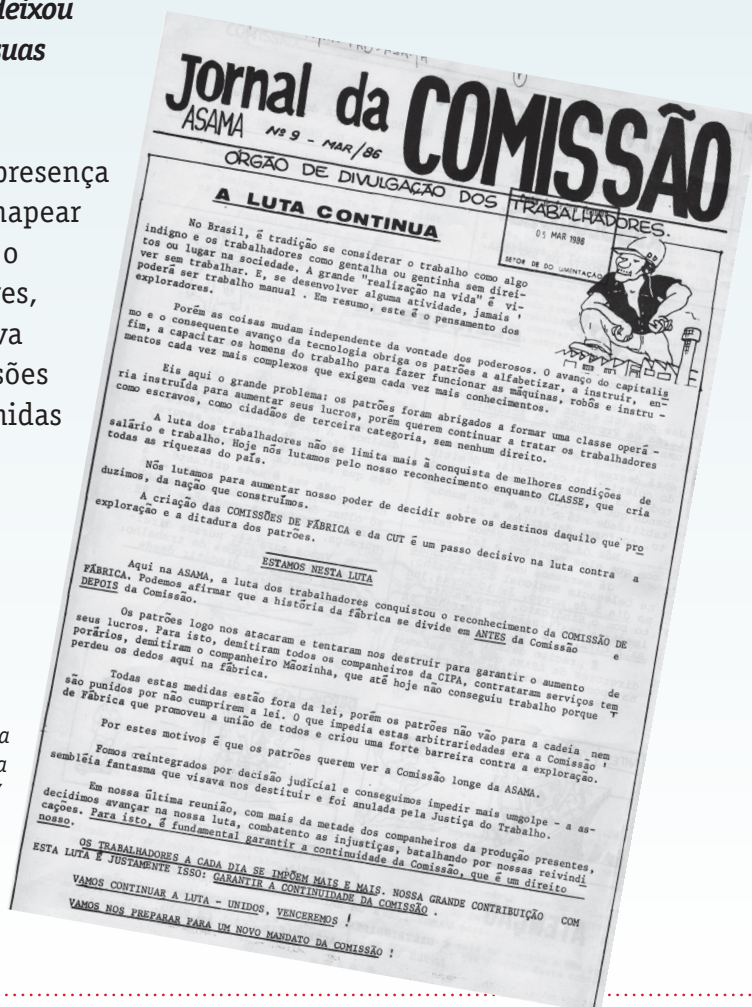
Os patrões estavam sempre atentos e testando a força da Comissão de Fábrica da ASAMA, para ver se ela estava falando sozinha ou se foram os trabalhadores que decidiram; se o pessoal estava firme ou não nas seções, se dava para jogar uma outra proposta para neutralizar a proposta da Comissão de Fábrica da ASAMA, se dava para cooptar algum de seus membros através de conversas individuais com eles.

## **B A ASAMA reage contra a força da Comissão de Fábrica**

**De maio a junho a força coletiva dos trabalhadores tinha se firmado perante a direção da ASAMA. E esta não deixou por menos e começou a tomar suas providências.**

Nas reuniões, garantia a presença de seus olheiros e passava a mapear a fábrica para ver até onde ia o poder de fogo dos trabalhadores, se a Comissão de Fábrica estava de fato respaldada, se as decisões eram mesmo coletivas e assumidas por todos, etc.

*Registro histórico - último jornal da Comissão da Asama, com a velha máxima do movimento operário: "A luta continua"*



# 7 1983: Ano chave para a Comissão de Fábrica da ASAMA

***Frente à ofensiva da direção da ASAMA, a Comissão de Fábrica também se preocupa em saber até onde ia seu poder de fogo: Até que ponto os trabalhadores assumiriam novamente uma luta pela reintegração de um companheiro demitido?***



Até que ponto os trabalhadores assumem para valer a Comissão de fábrica da ASAMA? Como está o clima nas seções? Qual a disposição de luta dos trabalhadores? Era o momento de aprofundar o trabalho nas seções e estreitar os contatos com os trabalhadores.

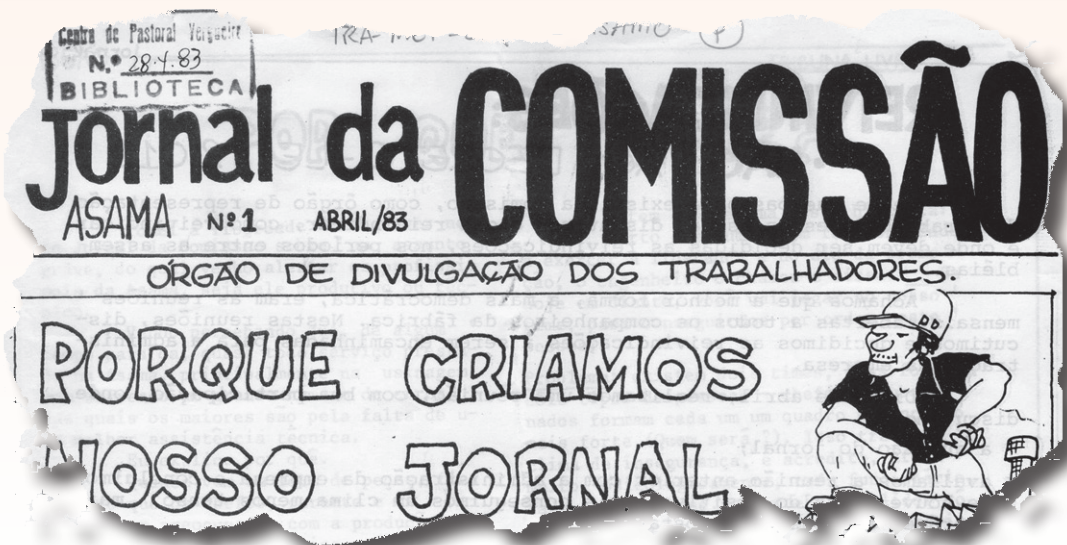
A preocupação agora era construir as condições da resistência e luta contra a ofensiva da empresa. O que estava em jogo era a própria sobrevivência da Comissão de Fábrica da ASAMA enquanto organismo representativo dos trabalhadores. Se antes a preocupação era mapear a Fábrica, seção por seção, para identificar os principais problemas dos trabalhadores, agora esse esquadrinhamento

tem um sentido claramente político, pois trata-se de identificar a força coletiva dos trabalhadores para a defesa de seu direito de organização e de luta.

## **A O conselho de representantes de seção**

***Desde abril de 1983, a Comissão de Fábrica da ASAMA tinha tomado a iniciativa de criar um conselho de representantes de seção para aprofundar a sua relação com os trabalhadores.***

Através das reuniões mensais com os representantes de cada seção foi



possível montar um quadro do que estava acontecendo em toda a empresa. Foi aí que perceberam o aumento da repressão das chefias, as ameaças e punições, tudo isso contribuindo para criar medo e insegurança entre os trabalhadores.

três companheiros combativos e ligados ao pessoal da Comissão de Fábrica conseguiram se eleger e fizeram da CIPA um instrumento legal que facilitava o trabalho junto às seções, ampliando assim a ação combativa dentro da empresa.

***O trabalho junto às seções era então discutido, avaliado e planejado junto com os representantes de seção: como está a disposição de luta? Como se aproximar do pessoal mais vacilante? Como atingir os temporários? Como envolver também os mensalistas? Como romper o medo?***

A partir do 2º semestre, essas reuniões substituem as reuniões mensais e abertas que aconteciam antes. Os trabalhadores estavam ficando com medo de participar, pois todos sabiam da existência de olheiros.

## **B** As eleições para a Cipa

Além desse trabalho junto às seções, a Comissão de Fábrica da ASAMA resolveu também incentivar a participação dos companheiros mais combativos nas eleições para a Comissão Interna de Prevenção de Acidentes (CIPA), em agosto/setembro de 1983. A CIPA é importante porque, além de atuar para melhorar as condições de trabalho, confere estabilidade ao operário que a ocupa, e por isso foi usada pelo movimento sindical de luta para proteger companheiros ameaçados de demissão devido à sua atividade política.

A CIPA anterior era biônica e não fazia praticamente nada. A direção da ASAMA tentou dificultar, marcando as eleições de repente, sem dar um prazo para a discussão e mobilização dos trabalhadores. Porém, mesmo assim,

## **C** Novos passos para organizar a resistência e a luta

***As reuniões por seção e o trabalho conjunto com os representantes e os cipeiros permitiam identificar a disposição de luta dos trabalhadores em cada seção.***

Permitiam também identificar as estratégias da empresa para minar a

CANDIDATOS			
1	PEDRO MARCONDES	71	32
2	PAULO SERGIO GOUVEA	49	82
3	MAURICIO CARVALHO	68	62
4	JULIO GONÇALEZ	45	
5	JOSE DE TULLIO	42	
6	JOSE NEUBAUER	48	
7	JOSE DE MELO TAVARES	66	62
8	JORGE ALVES BRAZ	44	
9	EMIDIO ALVARENGA DO AMARAL	60	82
10	EDSON APARECIDO DIAS	66	62
11	ARCENIO RODRIGUES DA SILVA	95	12
12	ANTONIO BOTINI	86	22
13	ADILSON CRUZ MOURA	55	72
		795	

Handwritten signatures and initials are present in the right margin of the table, including 'Maida' and '100 am...'. The document is dated 21 MAR 1991.

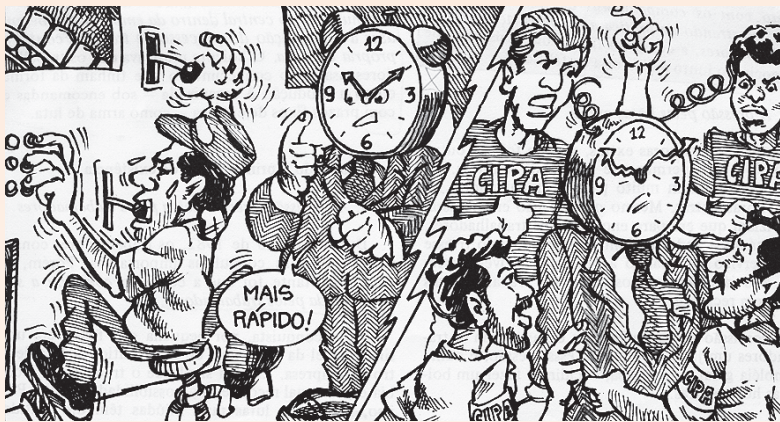
Arquivo CPV, 27/6/1983



organização e a vontade de luta dos trabalhadores. São estratégias postas em prática pelos chefes, que se diferenciam de seção em seção, que se manifestam no

terreno cotidiano da produção e, por isso mesmo, não aparecem de forma visível e explícita para o conjunto dos operários. Exigem, portanto, ações diferenciadas

***A partir das práticas cotidianas em cada seção, a Comissão de Fábrica da ASAMA procurava construir e fortalecer esse poder de luta e de organização. Disso dependia a defesa das conquistas já alcançadas. E disso dependia também da defesa da própria existência da Comissão de Fábrica da ASAMA. Pois nenhuma conquista é definitiva. A sua defesa depende da luta e resistência permanente, a partir de cada seção.***



RLO, Caderno 7, pág. 3, 1986

*“A Comissão de Fábrica é a mais elevada, democrática e eficiente organização no local de trabalho. Quero deixar claro que fui testemunha de que vocês, os representantes democraticamente eleitos pelos trabalhadores, sempre os representaram com firmeza, com concepção classista e mantiveram a comissão a serviço do conjunto da categoria metalúrgica e ao conjunto da classe trabalhadora.”*

**Bigode, Cândido Hilário de Araújo**

*Encabeçou a chapa 2 Renovação Sindical em 78. Diretor do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo de 81 a 87*

em cada seção. Daí a importância do trabalho desenvolvido junto às seções, o encaminhamento das lutas mais específicas e a defesa dos interesses mais imediatos. São formas de luta que passam a ter um conteúdo político de garantir, defender e aumentar o poder de organização e de luta dos trabalhadores.

Os problemas enfrentados e as lutas encaminhadas no 2º semestre de 1983 não eram novos dentro da ASAMA. Desde o início da existência da Comissão de Fábrica eram campos de luta dos trabalhadores. Porém, agora, terão uma outra qualidade. Frente à ofensiva da empresa, tratava-se não apenas de arrancar conquistas materiais. Mas, sobretudo, de fortalecer a organização dos trabalhadores.

# 8 1983: A Comissão de Fábrica da ASAMA questiona o poder patronal

*O ano de 1983 foi de fato o ano chave da Comissão de Fábrica da ASAMA. Foi quando os patrões iniciaram uma grande ofensiva contra a luta dos trabalhadores.*



E a reação dos operários combativos não foi o recuo, mas ao contrário, o avanço contra o poder patronal.

## **A** Tempos de produção: arma na resistência contra as demissões

*Frente à novas ameaças de demissões, a Comissão de Fábrica da ASAMA discute junto com os representantes de seção as medidas a serem tomadas e mantém a orientação inicial para os trabalhadores não assinarem a demissão e para a comunicarem ao conjunto*

Como já tinha acontecido antes, essa resistência deveria se articular com a luta contra a repressão das chefias. O não cumprimento dos tempos era e continuava sendo usado como justificativa das demissões. A Comissão de Fábrica da ASAMA orientou então que quando houvesse pressão por tempo determinado de produção, os companheiros deveriam procurá-la. A questão deveria ser discutida por todos os trabalhadores: como resistir coletivamente?

A resistência contra as demissões se traduziu na proposta de um controle dos

*A Comissão de Fábrica da ASAMA destaca ainda um companheiro para estudar e determinar os tempos de produção de cada produto na vida real, para confrontar com a proposta de tempo da chefia. Com isso, os trabalhadores teriam condições de negociar com a empresa novos critérios de tempos.*

*dos trabalhadores; quanto à proposta de greve pela reintegração, o pessoal avaliou que seria muito difícil de ser garantida no caso de toda e qualquer demissão.*

Chegaram à conclusão de que naquele momento não havia condições de sustentar uma posição de enfrentamento.

operários sobre a produção, para impedir os critérios arbitrários e as justificativas das demissões. A experiência passada é recuperada, elaborada coletivamente e aprofundada.

Antes, a resistência contra os tempos de produção era uma forma de luta contra a repressão das chefias. Agora, é uma

forma de controle **que se apoia no saber operário sobre a produção e num saber da luta por parte de trabalhadores** que sabem que, na questão dos tempos de produção, eles atingem um ponto estratégico para a empresa.

Depois de quase um ano (agosto de 1984), a empresa finalmente aceitou que houvesse uma nova cronometragem. Mas aí ela tentou também lançar mão de uma sutil estratégia.

**questão dos trabalhadores temporários, prática muito comum dentro da ASAMA.**

Só que agora, eles vinham sendo contratados em maior quantidade. E isso coloca um problema sério, pois introduz divisões entre os trabalhadores e dificulta a ação conjunta.

A contratação dos temporários é legalmente permitida apenas por um

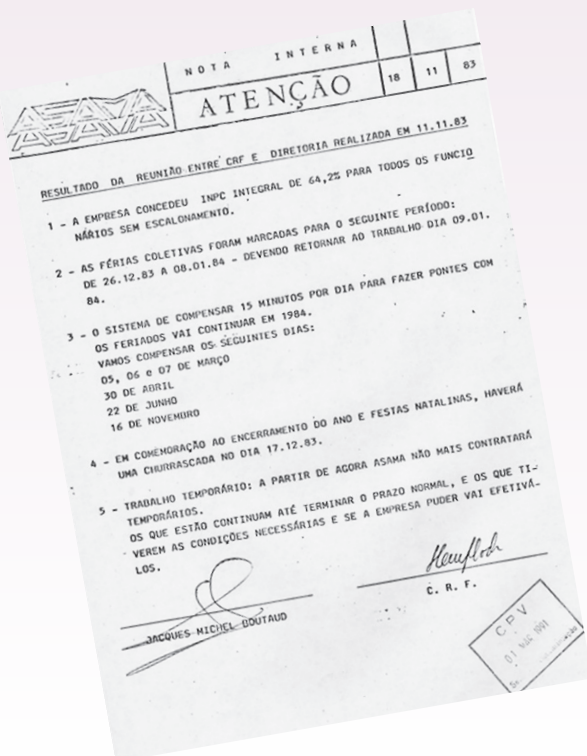
**Em nome da necessidade de estabelecer tempos viáveis - como exigiam os trabalhadores - a direção da ASAMA distribuiu fichas para que os operários anotassem as peças produzidas durante o dia. Isso, na verdade, era uma forma de incentivar a competição entre os trabalhadores. A Comissão de Fábrica propôs e os operários concordaram em não preencher as fichas.**

## **B A luta contra o emprego dos temporários**

**O outro campo de resistência contra a ofensiva da empresa se deu em torno da**

tempo determinado. E a ASAMA não obedecia esses prazos. Daí a Comissão de Fábrica começa a desenvolver um trabalho visando a contratação definitiva desses companheiros. Primeiro, fez um levantamento dos temporários e propôs a contratação de quem já estava terminando os 10 meses estipulados de contrato. Quanto aos outros, a empresa deveria dar um novo prazo para serem testados no serviço.

Em paralelo, a Comissão de Fábrica da ASAMA também se preocupou em se aproximar dos temporários. Discutia com eles no sentido de perceberem a injustiça da sua situação. E incentivava esses companheiros a lutar por sua contratação. A luta foi vitoriosa. No final de 1983, a grande maioria dos temporários foi efetivada.



Arquivo CPV, 18/11/1983

## **C** **Contra as faixas salariais e a política de promoções**

*A existência de várias faixas salariais sempre foi motivo de reclamação dos trabalhadores. Muitos se sentiam injustiçados já que nem sempre o mesmo trabalho e a mesma função garantiam o mesmo salário.*

A Comissão sempre tomou esse problema como uma das principais reivindicações a serem conquistadas. O

beneficiado, mesmo quando a diferença é tão pequena que não chega a significar uma vantagem em relação a seus companheiros.

A Comissão de Fábrica da ASAMA sabia que não dava para resolver a questão individualmente, tanto que, desde 1982, pressionava a empresa para rever os critérios salariais. Os patrões enrolaram por dois anos. Os trabalhadores resolveram então fazer um levantamento das faixas salariais existentes e provaram o absurdo da situação.

*A Comissão de Fábrica da ASAMA apresentou uma proposta que definia apenas duas faixas de salário, com uma diferença de no máximo 8%. A proposta foi discutida com os trabalhadores, que concordaram e defenderam a greve, caso a diretoria não aceitasse. A vitória veio nas duas faixas salariais, mas a diferença máxima ficou em 12%.*

seu lema era: **salário igual para trabalho igual é um direito dos trabalhadores que deve ser garantido.**

A política salarial da empresa é um instrumento de dominação, porque introduz divisões entre os trabalhadores. Sempre foi difícil mexer com essa questão. É difícil para os trabalhadores perceberem como funciona a jogada do patrão nas diferenças de salários. O trabalhador acha que está sendo

Havia uma seção com 18 torneiros e 7 faixas salariais, quando deveria ter no máximo duas. Havia outra seção com 6 trabalhadores e 5 faixas ou casos de trabalhadores que eram tarimbados e experientes, mas que ganhavam menos, só porque eram novos de casa ou porque na admissão entraram numa faixa menor. Acontecia, também, do trabalhador ficar numa faixa menor porque faltou uma vez no ano anterior.

Folheto Projeto Memória OSM-SP 30/6/2012

### «a fábrica é minha»

*“A fábrica é minha. Nem na Rússia se faz eleição para gerente de fábrica”. Reação do patrão diante da votação da proposta, feita pela Comissão, vencedora na assembleia geral dos trabalhadores do direito de eleger o gerente da fábrica.*

Ilustração do Jornal da Comissão, número 7



## **D** A Comissão de Fábrica da ASAMA questiona a contratação dos chefes

**Em 1984, um gerente novo da ASAMA chegou dizendo que era contrário à Comissão de Fábrica e que faria o possível para prejudicá-la.**

Os trabalhadores reagiram e questionaram os critérios de contratação da empresa para os cargos de chefia. A empresa respondeu que havia apenas duas possibilidades para contratar um chefe: trazer gente de fora ou então promover alguém de dentro. A Comissão de Fábrica da ASAMA exigiu uma definição de critérios no caso de promoção. E o novo gerente teve que se desculpar.

Em 1983/1984, a Comissão de Fábrica da ASAMA se firma como expressão da vontade operária no questionamento da política da empresa. Desde o início, encaminhou reivindicações e lutas relacionadas aos problemas da empresa. Mas agora os trabalhadores não queriam apenas melhorias, mas sim impor à ASAMA critérios próprios para o enfrentamento e a solução dos problemas.

O que estava em jogo era o monopólio do poder e da vontade patronal dentro da empresa. Quando os trabalhadores questionam os critérios através dos quais os patrões organizam a produção, eles estão atingindo o núcleo, o coração mesmo do poder patronal sobre os trabalhadores.

*“A Comissão de Fábrica da ASAMA foi a experiência mais avançada entre as poucas que a Oposição Sindical Metalúrgica, mesmo sem a direção oficial do sindicato, conseguiu construir e desenvolver. Seus companheiros tinham a visão clara do conflito histórico entre capital e trabalho e, por isso, lutavam para que os trabalhadores fossem respeitados em seus direitos. Porém, foram muito além das tradicionais negociações em troca de alguns percentuais a mais para seus salários. Orientavam as ações da Comissão de Fábrica no sentido da futura ruptura com o modelo capitalista. Para eles, a Comissão de Fábrica deveria ir ocupando os espaços possíveis também nas decisões estratégicas da empresa, questionando progressivamente os plenos poderes de seus proprietários, pois, afinal, quem construía os produtos da empresa eram os trabalhadores e não os empresários.”*

**Waldemar Rossi**

*Encabeçou a chapa da OSM-SP em 67, 72 e 81. Um dos fundadores e dirigentes da Pastoral Operária*

# 9 A participação nas lutas gerais dos trabalhadores

*Desde o início de sua existência, a Comissão de Fábrica se preocupou em não limitar a luta e a organização dos trabalhadores aos limites da ASAMA, buscando reforçar a solidariedade de classe e construir uma força coletiva dos trabalhadores capaz de expressar a sua vontade e defender os seus direitos frente aos patrões e ao Estado.*

A Comissão de Fábrica promoveu debates, conversas, formação, para que os trabalhadores da ASAMA se mobilizassem contra a ditadura, os patrões e os pelegos.

O objetivo não era só aumentar o nível de conhecimento dos trabalhadores, mas fornecer instrumentos de análise e reflexão sobre a luta operária. A Comissão de Fábrica da ASAMA queria formar novas lideranças operárias, capazes de incentivar a luta e semear o espírito de classe em suas práticas diárias, o que fortaleceria a luta de classes.

A Comissão de Fábrica da ASAMA não queria ter o monopólio e a exclusividade da representação operária, pois a luta é algo a ser levado coletivamente: quanto mais gente aparecesse em condições de apontar os erros, criticar e propor alternativas às orientações dos membros da Comissão de Fábrica da ASAMA, maior seria o avanço para a construção de um movimento operário forte. A preocupação com a luta operária geral não ficou só em conversas, cursos e debates. Traduziu-se em práticas e orientações concretas no dia-a-dia.



*Cadernos da OSMSP, 1979*



## A A prática da solidariedade de classe

*As greves em outras empresas e categorias que aconteceram durante os 4 anos de existência da Comissão de Fábrica sempre foram divulgadas na ASAMA e sempre eram discutidas alternativas possíveis de solidariedade e apoio aos companheiros grevistas.*

Na greve da Atlas, em 1984, os trabalhadores da ASAMA participaram de uma passeata dos grevistas. Na greve da Darex, em 1985, arrecadaram fundos para os companheiros e conclamaram outras

*“Os princípios que norteavam a democracia operária ligavam os operários da ASAMA e da Colúmbia. Isto é, era preciso construir ‘Comissões de Fábricas Livres e Independentes’, sem conciliação com classe patronal e sem a tutela dos sindicatos oficiais. Quando fui trabalhar na Colúmbia em 1985, a Comissão de Fábrica da ASAMA já estava consolidada enquanto organização de base operária e era uma grande referência para aqueles que entendiam e entendem que uma Comissão de Fábrica é um dos melhores instrumentos de garantir a Democracia Operária e as lutas do dia para emancipação da classe trabalhadora.”*

**Pedrinho, Pedro Barbosa**

*Cipeiro e Comissão de Fábrica na Colúmbia*

fábricas vizinhas a fazer o mesmo. Na fábrica Colúmbia, a Comissão de Fábrica da ASAMA acompanhou de perto o processo de organização de um grupo de fábrica, apoiando ativamente a greve em 1985.

Nas várias reuniões inter-fábricas que aconteceram em São Paulo durante esses anos, a participação da ASAMA foi muito importante. Muitos trabalhadores de outras empresas se apoiaram na experiência da ASAMA para formar comissões representativas em suas fábricas. Foi nesse processo de troca de experiências e de solidariedade que o estatuto da Comissão de Fábrica da ASAMA se tornou referência contra as propostas de formação de comissões atreladas ao sindicato.

A importância dessa prática de solidariedade de classe contribui para o fortalecimento da organização operária; é

um elemento de divulgação e multiplicação das Comissões em outras fábricas; para os próprios trabalhadores da ASAMA foi também um elemento do seu aprendizado coletivo, pois percebem a importância da sua organização e do fortalecimento de organismos representativos dos trabalhadores a partir das próprias empresas e também se dão conta da ligação real, concreta, prática de suas lutas com as lutas dos trabalhadores de outras fábricas.

## **B As lutas gerais dos trabalhadores**

***A Comissão de Fábrica da ASAMA sempre tomou como orientação incentivar a participação dos trabalhadores nas lutas gerais.***

Assim foi nas campanhas salariais e nas eleições sindicais dos metalúrgicos de São Paulo. Cada momento era discutido

*“A Comissão de Fábrica da ASAMA teve a sua origem no movimento de Oposição Metalúrgica de São Paulo. Uma das contribuições da OSM-SP foi incentivar a formação de Oposições nas mais diversas categorias. A Comissão de Fábrica da ASAMA, que, além da sua fábrica, estava sempre presente nas lutas e organizações de outras fábricas, não só metalúrgicas, mas em todas as categorias. Prova disso foi a contribuição da comissão da ASAMA nas greves das químicas DAREX e BIC, na metalúrgica COLÚMBIA, dentre outras.”*

**Alemão, Hercílio Correia Filho**

*Trabalhou na GE e na Massey-Ferguson. Dirigente dos Químicos de São Paulo de 83 a 89*

nas assembleias e reuniões realizadas na empresa: as reivindicações a serem defendidas, as propostas de organização e mobilização, os desafios a serem enfrentados, o confronto sempre inevitável entre a diretoria do sindicato e à OSM-SP.

práticas pela relação contínua e estreita que manteve, em toda sua existência, com a Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo. Esta relação se manifestou continuamente através da participação de muitos trabalhadores da ASAMA e

***Por outro lado, a Comissão de Fábrica da ASAMA sempre apoiou e colaborou com a construção da CUT, divulgando suas propostas, participando dos congressos, propagandeando suas palavras de ordem e plataformas de luta, contribuindo para a unificação dos trabalhadores.***

Além disso, os trabalhadores da ASAMA participaram em peso das assembleias gerais do sindicato (controlado pelos pelegos desde o golpe militar de 1964), vestidos com camisetas com o logotipo da Comissão de Fábrica. Essa participação foi muito importante como um contrapeso sério às manobras e artimanhas dos pelegos no sindicato.

A experiência da Comissão de Fábrica da ASAMA só pôde existir e desenvolver toda a riqueza de suas propostas e de suas

membros da Comissão de Fábrica nas atividades da Oposição Sindical e no apoio e respaldo que a OSM-SP sempre deu à luta dos operários da ASAMA.

A própria linha sindical adotada pelos trabalhadores da ASAMA se inspirou em propostas da Oposição Sindical. Mas em momento algum esta relação se manifestou sob a forma de uma interferência direta da Oposição nas decisões internas da ASAMA, ou comprometeu a independência orgânica e política da Comissão.

*“A OSM-SP foi importante no processo de democratização do Brasil. Foi no debate e na formulação de um projeto de sindicalismo de luta que ficou o seu maior legado. Para nós, da Oposição do Sindicato dos Plásticos de São Paulo, foi fundamental. A comissão de fábrica da ASAMA era um polo de experiência e organização de luta.”*

**Matu, Martisalém Covas Pontes**

*Siemens e NCR/Brasil. Presidente do Sindicato dos Plásticos de São Paulo de 85 a 91. Diretor dos Químicos de São Paulo*



## Conclusão

# 1982-2012: As lições da Comissão de Fábrica da ASAMA

*Trinta anos se passaram desde que os metalúrgicos da indústria de máquinas ASAMA exerceram a democracia operária e criaram a Comissão de Fábrica totalmente independente dos patrões, do Estado e do sindicato, praticando um sindicalismo classista e democrático.*



Prática bem diferente da grande maioria do sindicalismo de hoje, vinculado ao Estado pelo imposto sindical e dominado pela lógica da conciliação de classes com os capitalistas, trocando direitos por vantagens imediatas.

Nos dois últimos anos da Comissão de Fábrica da ASAMA, os conflitos entre os trabalhadores e os patrões da região da Leopoldina se intensificam. Diante disto, a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP) emite uma recomendação expressa para que as empresas não aceitassem mais Comissões de Fábricas e cipeiros combativos, que passam a ser ilegalmente demitidos.

O processo na ASAMA foi mais radical: os patrões decidiram tirar toda a produção da fábrica. E num período de 3 meses não havia mais serviços a fazer. A direção da ASAMA avisa à Comissão de Fábrica que iriam reduzir a fábrica em 2/3 dos trabalhadores por motivos financeiros.

Uma assembleia geral extraordinária no refeitório é imediatamente convocada. A Comissão de Fábrica da ASAMA propõe greve com ocupação de fábrica e coloca o mandato à disposição, como forma de relembrar os operários que na Democracia Operária

não existe cargo vitalício. A assembleia decidiu reconfirmar no cargo a Comissão de Fábrica da ASAMA e colocou a proposta de greve com ocupação da fábrica para ser exaustivamente discutida, seção por seção, contando inclusive com participação de companheiros de outras fábricas da região.

Em nova assembleia geral os trabalhadores decidem não fazer greve por ampla maioria (só 7 votos a favor da greve). Os operários decidiram aceitar a demissão e espalhar a semente da organização em outras fábricas. A greve foi avaliada como derrota certa em função das informações relativas a empresa. Daí para frente os cortes foram se sucedendo em grupos de mais ou menos de 20 trabalhadores e no último grupo a Comissão de Fábrica também, foi demitida. Houve resistência, mas a direção da ASAMA chamou a Polícia Militar, que retirou os membros da Comissão de Fábrica em 25 de agosto de 1985 por volta das 8h da noite. A Av. Mofarrej se transformou numa concentração de carros da Polícia Militar.

No dia 29 de novembro do mesmo ano a Justiça do Trabalho manda a ASAMA reintegrar todos os membros da Comissão de Fábrica, que possuíam estabilidade

*O que seria da humanidade e da própria vida se não houvesse memória? Congratulo-me pela bela luta que vocês travaram, com apoio de outros trabalhadores (as) e apoiadores da sociedade civil, para a criação e preservação da Comissão de Fábrica da Asama. [...] Dizem que ao surgirem as fábricas, a única organização conhecida era a militar que foi nelas implantada. Ora, se a democracia vem crescendo no Brasil, é hora de acelerar seu crescimento também dentro das fábricas e de todos os postos de trabalho. Esta luta deve se dar em todas as trincheiras: no local de trabalho, nos sindicatos, no poder judiciários, legislativo e executivo.*

**Trechos da mensagem de Gilda Graciano lidos no ato inaugural da comemoração dos 30 anos da CF Asama.**

Roma 29/06/2012



conforme o Estatuto registrado na Justiça do Trabalho. Foi uma vitória das organizações dos trabalhadores devido a competência da grande advogada Dr<sup>a</sup> Gilda Graciano.

A Comissão de Fábrica volta para ASAMA com um boletim intitulado “a farsa que não deu certo”. A CIPA ilegalmente eleita foi destituída, e novos operários combativos assumiram. Os membros da Comissão de Fábrica permaneceram na ASAMA de novembro 1985 até o término do mandato, em

maio de 1986. Todos avaliaram que não havia mais sentido concorrer a outro mandato, a luta devia continuar em outras fábricas.

Mesmo com o fim da Comissão de Fábrica da ASAMA em 1986, não é possível dizer que aquela foi uma experiência derrotada. Por isso mesmo, é urgente que todo o conhecimento acumulado naquelas lutas seja socializado e apropriado pelo conjunto dos trabalhadores, que mais pessoas conheçam as conquistas que os operários da ASAMA alcançaram através das lutas organizadas pela Comissão de Fábrica, para que todos saibam que é possível fazer um movimento sindical dirigido pela base e combativo, autônomo diante do Estado e dos patrões.

Não é o caso de acreditar que os feitos realizados pelos operários da ASAMA, através da sua Comissão de Fábrica, são fáceis de serem repetidos atualmente. Havia condições, no final dos anos 1970 e início da década de 1980, que permitiram aos trabalhadores de diversas indústrias de São Paulo organizar sua luta a partir do seu local de trabalho, enfrentando os patrões e as direções sindicais ligadas a eles.

Naquela época, o Brasil atingiu o maior número de operários industriais da sua história, cerca de 50 milhões de trabalhadores. Isso foi possível porque o regime militar de 1964 investiu pesadamente na industrialização do país, oferecendo muitas vantagens econômicas para que as empresas multinacionais se instalassem no Brasil, às custas do suor do operário brasileiro. A ditadura militar impôs um arrocho salarial sobre os trabalhadores, que a cada ano viam a inflação comer seus rendimentos.

A explosão das greves do ABC e nas fábricas metalúrgicas dirigidas pela Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo, em 1978, aquelas que mostraram o Lula para mundo, são resultado da revolta do proletariado brasileiro contra os salários cada vez menores e da derrota dos militares em controlar

ideologicamente os operários do Brasil com um discurso nacionalista e ufanista.

As Comissões de Fábrica são um segundo resultado desta situação política e econômica, que somava um grande número de operários industriais com salários reduzidos por culpa da inflação e dos militares, os quais não permitiam aumentos salariais concretos. Esta situação se agravava também por conta da existência dos sindicatos oficiais, ligados ao regime ditatorial, que nada faziam para defender os interesses dos trabalhadores.

As Comissões de Fábrica são tão importantes quanto as greves daquele período, mesmo que sejam menos conhecidas. Afinal, as greves chamaram a atenção do país inteiro, conquistaram apoio da sociedade, das Igrejas, de muitos parlamentares opositores e até mesmo da imprensa internacional. Já as Comissões de Fábrica ficaram mais desconhecidas do grande público. A maioria das pessoas que sabem que o ex-presidente Lula surgiu como liderança sindical nas greves do ABC paulista ignoram a existência das Comissões de Fábrica e das experiências da democracia operária levadas a cabo pelos lutadores da Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo, experiências que permitiram em grande parte a organização das greves.

Isso explica um pouco porque o principal trabalho destas comissões é no dia a dia da fábrica, no cotidiano do local de trabalho, colhendo informações sobre os temas que incomodam os operários, sobre suas demandas, reivindicações, sonhos e projetos. As Comissões de Fábrica não contam com a estrutura financeira dos sindicatos, e por isso precisam de divulgação boca a boca, seus jornais têm circulação localizada.

Mas o principal fator que explica o desconhecimento de grande parte da população com relação às Comissões de Fábrica se deve ao medo que os capitalistas têm de que a democracia operária se espalhe pelo Brasil e se consolide entre os trabalhadores.

Por isso, as Comissões de Fábrica continuam proibidas pela legislação e escondidas pela grande imprensa, que pode até noticiar uma greve, mas nunca vai informar o grande público de que esta greve foi organizada pela base por meio das Comissões de Fábrica.

Esta ação organizada dos empresários com a mídia e os partidos de direita para manter as Comissões de Fábrica ilegais e invisíveis é uma das razões para que hoje esta experiência de democracia operária seja mais difícil de ser organizada do que era no final da década de 1970 e durante os anos 1980.

O outro motivo foi a brutal diminuição do número de operários industriais em todo o Brasil, fruto do neoliberalismo que dominou o país a partir dos anos 1990. Neste momento, o governo brasileiro parou de dar incentivos às indústrias estrangeiras, que transferiram sua produção para outros países, onde era mais barato ter uma fábrica. Ao

*“A organização nos locais de trabalho, base de um sindicalismo livre e comprometido, ainda é uma coisa a conquistar, no Brasil de hoje. A experiência da ASAMA é um aprendizado importante para levar adiante esse combate. Precisa ser recuperada e difundida. Quando não temos memória ou não conservamos nossa memória, os outros, inclusive nossos inimigos de classe, fazem nossa memória e dizem que lugar a gente ocupa e deve ocupar no mundo. A primeira condição para a liberdade e para a autonomia é disputar essa memória e construir nossa identidade, nosso lugar, nosso futuro.”*

**Régis Moraes**

*Militante político. Professor universitário e jornalista*

mesmo tempo, as barreiras existentes para os produtos importados foram derrubadas, e o Brasil foi inundado com produtos vindos do mundo, com boa qualidade e bom preço. Inúmeras fábricas foram fechadas nesta década, inclusive a própria ASAMA.

O resultado desta nova situação política e econômica, na transição entre o final dos anos 80 e toda a década de 90 foi a explosão do desemprego em algumas regiões, que chegou a enorme taxa de 20%. Esse foi um dos motivos relacionados ao enfraquecimento do movimento sindical e, também, ao fortalecimento dos mecanismos de perseguição dos patrões, como as demissões dos operários mais envolvidos na luta ou as ameaças sobre categorias inteiras com o fantasma do desemprego.

Nesta conjuntura ficou bem mais difícil construir as bases da democracia operária. Mas, mesmo que seja difícil repetir hoje a experiência da Comissão de Fábrica da ASAMA, as lições que os operários que criaram esta experiência de luta deixaram para os trabalhadores brasileiros precisam ser listadas e explicadas, porque podem e devem inspirar a ação sindical atual.

## **A Primeira Lição: O financiamento independente**

*Em primeiro lugar, a Comissão de Fábrica da ASAMA era financiada de forma voluntária pelos próprios operários da fábrica, sem recorrer ao dinheiro do imposto sindical, que ficava todo com o sindicato.*

Este é um tema importante porque garante a independência da Comissão de Fábrica em relação ao Estado, que controla o dinheiro do imposto sindical.

É o Estado que recolhe o dinheiro do imposto sindical e repassa para os sindicatos, inviabilizando a autonomia sindical. Para piorar, o imposto sindical é obrigatório, cada

trabalhador brasileiro paga um dia do seu salário por ano, independente de ser filiado ou não. Esta cobrança obrigatória enfraquece o trabalho de base dos sindicatos e favorece a existência de sindicatos cartoriais, que são aqueles que existem apenas para ganhar o dinheiro do imposto.

**O autofinanciamento da Comissão de Fábrica da ASAMA rompia esta lógica. Os trabalhadores precisavam ser convencidos a contribuir financeiramente com o movimento, e isto só acontecia se eles realmente se sentissem representados pela Comissão de Fábrica e pelas lutas que ela encaminhava.**

Quanto mais forte a democracia operária mais forte é a arrecadação, o que garantia à Comissão de Fábrica uma total independência frente ao sindicato, aos partidos, ao Estado e aos patrões. A Comissão de Fábrica da ASAMA recebia contribuição direta de 80% dos trabalhadores da empresa, o que configura praticamente 100% dos operários, ficando de fora apenas a maioria dos funcionários ligados à administração. Além disso, quem gerenciava o dinheiro eram dois trabalhadores que não faziam parte da Comissão, de modo a democratizar ainda mais o uso da verba, que era usada para financiar o “Jornal da Comissão”, o transporte dos trabalhadores para participar das atividades políticas e para a solidariedade com outras categorias em greve.

## **B A segunda lição: Organização de Base**

*A própria existência deste autofinanciamento já aponta para a segunda lição que a Comissão de Fábrica da ASAMA deixou para os operários do Brasil, que é a organização pela base.*

Tudo o que dizia respeito ao funcionamento da Comissão de Fábrica, desde as datas das assembleias, as pautas que seriam reivindicadas junto aos patrões, as

atividades de integração e confraternização dos trabalhadores, tudo era decidido com base na democracia operária, com o estímulo à participação dos trabalhadores no chão da Fábrica, no local de trabalho.

A democracia interna era a principal característica da Comissão de Fábrica. Os trabalhadores tinham direito à voz e a voto, todos tinham responsabilidades e direitos iguais, os operários que estavam na Comissão não tinham mais poder do que aqueles que não eram membros formais.

## C A terceira lição: Comissão combativa e classista

*Por último, a terceira lição da Comissão de Fábrica da ASAMA foi a combatividade e o classismo. Por ser uma experiência sindical que faz parte da democracia operária, a Comissão de Fábrica da ASAMA conseguiu organizar o movimento sindical muito além dos interesses imediatos dos trabalhadores.*

Isto significa dizer que o trabalho da Comissão não ficava reduzido a questões salariais e de manutenção do emprego. Estes temas, que obviamente são importantes, são tocados por muitos sindicatos pelo Brasil sem que isto implique na construção de um projeto de sociedade dos trabalhadores.

**As ações da Comissão de Fábrica da ASAMA tinham como objetivo aumentar a consciência dos operários para a questão de que a exploração capitalista dos trabalhadores pelos capitalistas precisava ser derrotada e substituída por um outro tipo de sociedade, onde todos serão iguais.**

O aumento de salário ou a garantia do emprego são vitórias pontuais que sozinhas não significam uma derrota dos patrões. É preciso que estas vitórias estejam conectadas com uma organização política mais ampla e geral, que aponte para a superação do capitalismo e que recuse a conciliação com os patrões.

A construção deste tipo de sindicalismo, baseado na democracia operária, combativo, classista, autônomo frente ao Estado, partidos e patrões, era o objetivo de boa parte dos operários que fundaram a Central Única dos Trabalhadores (CUT) em 1983, em especial daqueles identificados com a OSM-SP.

Nos dias atuais este projeto está muito enfraquecido, foi derrotado não apenas na CUT, mas em todas as centrais sindicais existentes, com algumas exceções nos sindicatos de base de cada uma delas, inclusive entre os cutistas.

É necessário recuperar o exemplo de luta dos trabalhadores da ASAMA, que construíram a democracia operária a partir da Comissão de Fábrica, e com isso recuperar a força e a urgência do projeto de sindicalismo autônomo, independente, combativo, classista, democrático e de luta.

*“Os companheiros da Comissão de Fábrica da ASAMA contribuíram para a construção de um sindicalismo classista, combativo, autônomo e democrático, que não ficou restrito a uma fábrica, mas contagiou os operários metalúrgicos de toda São Paulo, e que influenciou sobre muitas outras categorias. Mas a maior lição deles foi a da autonomia. Os próprios trabalhadores decidiam os passos na luta, independente dos patrões, dos partidos e até mesmo da OSM-SP a qual eram ligados. Também nunca pensaram só na situação interna da fábrica onde trabalhavam. Quando saíram da ASAMA continuaram como organizadores da classe operária”*

**Vito Giannotti**

*Militante político e educador popular, metalúrgico e membro da OSM-SP*

## Ciclo de comemoração dos 30 anos



### Parte I – 30 de junho de 2012

#### O encontro das vanguardas com os militantes

*No Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco, houve a abertura das comemorações dos 30 anos da Comissão de Fábrica da ASAMA com um ato de muita densidade política.*

Foi emblemático o encontro da vanguarda da ASAMA com a direção da Greve de 1968 dos Metalúrgicos de Osasco. Lideranças históricas do movimento operário e social reuniram-se para analisar, avaliar e falar de suas experiências aos militantes de hoje. Estiveram presentes todos os que foram membros da Comissão da ASAMA. O reconhecido militante revolucionário Arcênio Rodrigues, já falecido e membro da CF ASAMA, foi homenageado. Estiveram presentes sua companheira, filhos e irmãos.

O estatuto da Comissão da ASAMA foi baseado no estatuto da Comissão da Cobrasma, esmagada na repressão que se seguiu a greve em Osasco. Voltaram a seu sindicato os velhos militantes, não só da Cobrasma, como da Braseixos, além de lutadores de muitas fábricas de Osasco, que também se encontraram com trabalhadores da concentração industrial da Vila Leopoldina em São Paulo, onde ficava a ASAMA. Grande participação de militantes sindicais, partidários e dos movimentos sociais.

A diretoria dos Metalúrgicos fez a abertura e saudação inicial aos participantes e permaneceu durante todo o ato na mesa dos trabalhos. Diversos companheiros, que foram Coordenadores da Oposição Metalúrgica de São Paulo e hoje são organizadores do Projeto Memória da OSM-SP, estiveram presentes num diálogo plural sobre a luta de classes e o momento político, com lideranças e dirigentes do ABC e dirigentes e militantes de categorias cujas diretorias atuaram irmanadas à OSM-SP e à Comissão da ASAMA, como as dos Químicos e Plásticos, entre outras.



*Sérgio (Asama), Argemiro, Celso (Asama), Vito, Djalma (Asama), Nelson (Asama), Geraldo (Asama), Tatu (Asama), Pedrão (Asama), Paulo (Asama), Alemão, Jabuti (Asama), Pedrinho e Catatau (Asama) em frente a sede dos Metalúrgicos de Osasco.*



*Rato, Betão, Chico Gordo, Geraldo, Tigrão, Nádia, Pedrão e Jorginho (ao microfone)*

### Duas mesas foram organizadas:

A primeira mesa, montada a partir do convite de **Jorginho**, Presidente dos Metalúrgicos de Osasco, foi constituída por **Geraldo** e **Pedrão**, representando a CF ASAMA; **Nádia** Gebara, militante política e companheira do Arcênio; **Tigrão**, da

Braseixos e da diretoria dos Metalúrgicos de Osasco em 1968 e atual Presidente da UAPO (Associação dos Aposentados e Pensionistas de Osasco); **Chico Gordo**, ex-Presidente da CUT - Regional SP; **Betão**, da Comissão de Fábrica da Ford São Bernardo; e **Gilberto** Almazan, da diretoria dos Metalúrgicos de Osasco.



*João Joaquim - Cobrasma, Catatau, Nelson Zanholo, Geraldo, Tigrão, Pedrão.*



*Assistência atenta de militantes e familiares.*





*Catatau, Djalma Bom, Matu, Sérgio Cajarana (da Asama, ao microfone), Geraldo, Pedrão, Nelson e Jabuti*

Na segunda mesa, estiveram presentes: Catatau, Geraldo; Pedrão, Nelson; Jabuti, remanescentes da CF ASAMA; Djalma Bom, da diretoria dos Metalúrgicos do ABC; e Matú, presidente do Sindicato dos Plásticos, à época.

No encerramento, houve uma

confraternização que permitiu a troca de ideias e o reencontro de militantes atraídos por uma manhã de discussão sobre a atualidade das lições da Comissão de Fábrica dos Trabalhadores da ASAMA para o atual momento da luta de classes e para a organização dos trabalhadores.

*Familiares na homenagem ao Arcênio. Os filhos Maíra e Uiran; os irmãos José e Jaime Rodrigues, ao fundo Nelson, da Asama*



*Nádia*



*Um minuto de silêncio pelos trabalhadores mortos nas lutas. Na mesa, Gilberto (Rato), Betão, Chico Gordo, Geraldo, Tigrão, Nádia e Pedrão.*